

# Saga candanga agrada em Washington

O documentário *Conterrâneos Velhos de Guerra* mostra para os americanos a história da construção de Brasília

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO  
ENVIADA ESPECIAL

**W**ashington — O público do VI Americas Film Festival recebeu com interesse a *épépera* (Ópera épica) *Conterrâneos Velhos de Guerra*, de Vladimir Carvalho, exibida na noite da última terça-feira, no Kennedy Center. Apesar do debate entre os candidatos a vice-presidente dos EUA, Dan Quayle, Al Gore e Stoe Kaddall, ter deixado os americanos grudados na TV, muitos brasileiros e hispano-americanos prestigiaram a sessão e enfrentaram, com entusiasmo, as quase três horas de duração do filme. Depois da meia-noite, ainda participaram do debate, fazendo perguntas a Vladimir Carvalho, que as respondeu com paixão política e muitos detalhes.

Um espectador americano quis saber se havia, no Brasil, filmes que narrassem a história da construção da cidade com enfoque oficial, ou seja, do ponto de vista dos políticos que a construíram. Vladimir responde que não existia nenhum longa-metragem sobre o tema, mas que havia uma série de cinejornais feitos pelos cinegrafistas que serviam ao presidente Juscelino Kubitschek. Lembrou, ainda, o filme realizado pelo norte-americano Eugene Feldman, que voltou seu olhar, em 1959, aos operários em seu



Vladimir Carvalho participou de um debate depois da exibição de seu último e premiado filme

trabalho diário, e não às autoridades.

Outro debatedor quis saber porque Vladimir "só narrou o lado sofrido da construção da cidade, esquecendo-se que ela obrigou o Brasil a olhar para o Centro-Oeste". Ele explicou que, como nordestino, quis narrar a saga dos anônimos construtores da nova capital brasileira, pois eles a ergueram numa paisagem árida, mas dela não puderam desfrutar. Reforçou sua opção pelo cinema documentário e explicou que consumiu 19 anos de trabalho

na produção de *Conterrâneos Velhos de Guerra*. "Só sete por cento das imagens do meu filme" — lembrou — "são oriundas de arquivos. O restante são imagens colhidas ao longo das décadas de 70 e 80". Um espectador brasileiro quis saber se Vladimir via Brasília como uma cidade pronta. Ele respondeu que sim e acrescentou: "Pronta e consolidada".

Na tarde de terça-feira, os brasileiros José Antônio Garcia, Alfredo Oroz e Vladimir Carvalho prestaram depol-

Divulgação

mentos para registro em vídeo, nos estúdios da OEA (Organização dos Estados Americanos). Cada um explicou ao diretor-executivo do Festival, Francisco Bisquertt, o processo de criação de sua obra, destacando aspectos significativos. Além dos brasileiros, registraram seus depoimentos os cineastas Jorge Polaco, da Argentina, autor de *Siempre es Difícil Volver a Casa*, e Cláudia Vargas Sherwood, diretora de *Bolivia: On The Trail of Butch Cassidy and The Sundance Kid*. O autor peruano Gustavo Bueno, que atua em *Cafés del Cielo*, falou de seu trabalho com Francisco Lombardi.

Ao final do Festival, os depoimentos serão editados num vídeo que dará a públicos especiais e aos patrocinadores do evento, documento memorialístico de sua sexta edição. O cineasta José Antônio Garcia, em seu depoimento, lembrou que *O Corpo* é "uma tragicomédia latino-americana". Depois de percorrer vários festivais na América hispânica, descobriu que o filme "tem, realmente, uma alma latina". Na minha farsa — assegurou — "Cláudia Jimenez interpreta uma ma-mã italiana, volumosa e protetora. Antônio Fagundes é um *milonguero* argentino, com pitadas de carloquice. Já Marieta Severo carrega o fatalismo vingativo da mulher espanhola. Por isto, a identificação tem sido imensa, por onde passei".